A velha economia, de novo

A mega fusão que representou a supremacia da nova economia sobre a velha chegou ao fim com a vitória da mídia tradicional. A Time Warner anunciou ontem que, até o fim do ano, vai separar em uma empresa independente sua unidade de internet, a America Online (AOL), que, em janeiro de 2001, arrebanhara a gigante de mídia por US$ 124 bilhões, na maior operação do gênero na história corporativa dos EUA. Logo depois, a bolha da internet estourou.

A operação deu origem a processos judiciais de acionistas e a uma investigação das autoridades reguladoras americanas. Desde então, o número de assinantes da AOL desabou, e os anunciantes migraram para rivais como a Google.

O diretor-executivo da Time Warner, Jeffrey Bewkes, que assumiu mês passado, vai se desfazer da AOL para se concentrar nas divisões de cinema (os estúdios Warner Bros.) e de TV a cabo, como os canais CNN, HBO e TNT. A Time Warner tentou, mas não conseguiu vender ou encontrar um parceiro para a AOL. Ela negociou com Google, Yahoo! e Microsoft. A solução foi tornar a AOL uma empresa independente, de capital pulverizado sem um controlador majoritário, como é hoje a própria Time Warner.

"Acreditamos que uma separação será o melhor desfecho, para a Time Warner e a America Online", disse Bewkes em comunicado. "A separação será outro passo crucial para a reformulação da Time Warner que iniciamos no começo do ano passado, o que nos permitirá concentrar ainda mais nossa atuação no negócio de conteúdo, nossa atividade central".

A AOL, uma pioneira da internet no tempo em que o acesso era discado, perdeu espaço para os novatos com o surgimento da banda larga e hoje vale cerca de metade do site de relacionamentos Facebook e menos de 5% da Google. O valor de mercado do Facebook é estimado em US$ 10 bilhões, e o da Google, em US$ 129 bilhões. A Time Warner tem 95% da AOL, e a Google, os restantes 5%. Essa participação é de US$ 274 milhões, o que, segundo Michael Morris, analista do UBS, levaria o valor da AOL a US$ 5,5 bilhões. A Time Warner disse esperar comprar os 5% do Google.

A fusão de Time Warner e AOL representou o pico da bolha da internet, literalmente meses antes de esta estourar — disse Fred Moran, analista da Benchmark Co.

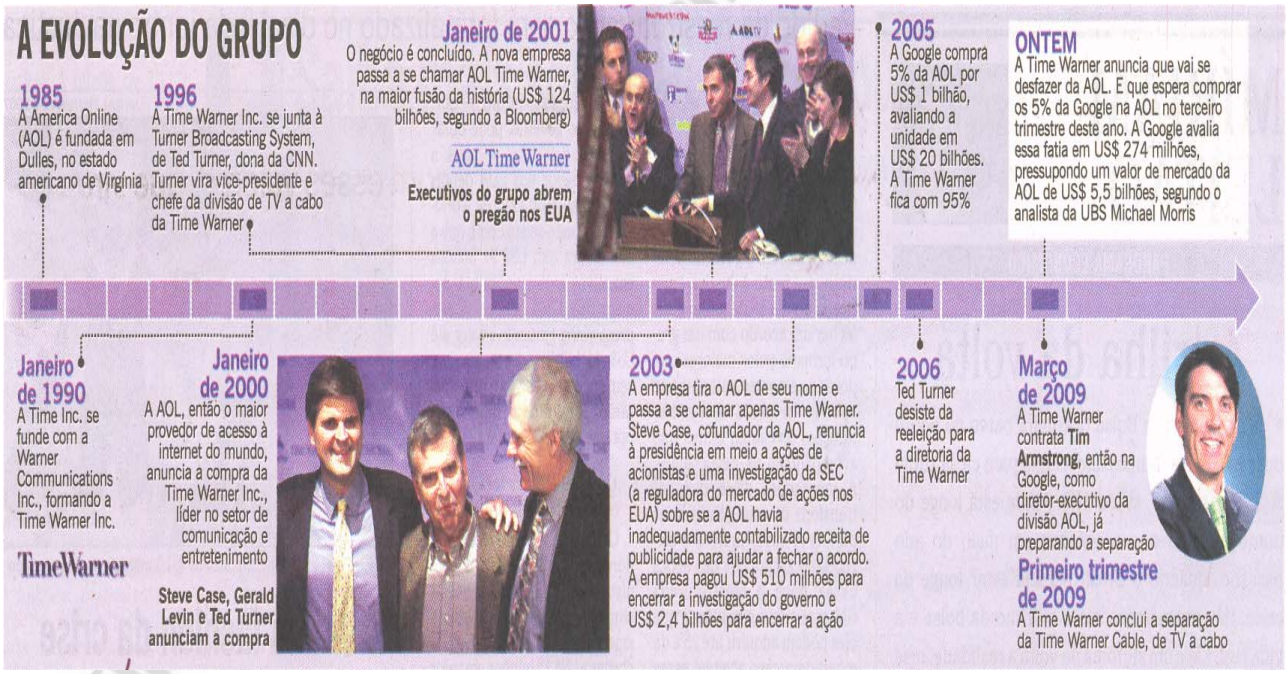
A AOL é, inclusive, comandada por um ex-Google. Tim Armstrong, o diretor-executivo da empresa, afirmou na nota divulgada pela Time Warner que "tornar-se uma empresa independente permitirá à AOL fortalecer seus negócios, apresentar produtos novos e inovadores e aumentar opções estratégicas".

A AOL tem três grandes divisões: MediaGlow, de conteúdo; People Networks, com o site de relacionamentos Bebo e os serviços de mensagens AIM e de bate-papo ICQ; e o Platform-A, de publicidade na internet. Cada um tem seu presidente e opera de forma independente. Mas, segundo o site All Things Digital, isso deve mudar. Tanto o Bebo como as novas empresas Userplane, de mídia social, e Truveo, de busca de vídeos, serão reunidos na AOL Ventures.

A Time Warner vinha preparando a separação há três meses. A contratação de Armstrong, há dois meses, era parte da estratégia. O serviço de acesso à internet da AOL terminou 2008 com 6,9 milhões de assinaturas pagas nos EUA, a quarta parte do que tinha quando da fusão, em 2001. As vendas de publicidade caíram 20% no primeiro trimestre, e a receita operacional recuou de US$ 284 milhões para US$ 150 milhões.

No Brasil, a AOL teve problemas desde sua estreia, no fim de 1999. Na ocasião, ela distribuiu milhares de CD-ROMs com kits de acesso à internet e 250 horas gratuitas, que provocavam problemas nos computadores em que eram instalados, ao mudar a configuração dos programas de navegação e correio eletrônico, sem avisar.

Em 2006, a AOL encerrou suas operações no Brasil, desativando o serviço de acesso à internet e tirando do ar o conteúdo de seu portal. Foi conseqüência da concordata da AOL Latin America, da qual a AOL Brasil era subsidiária. O Terra comprou a base de assinantes da AOL Brasil, permitindo a migração das contas de e-mail.



Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 29 maio 2009, Economia, p. 25.